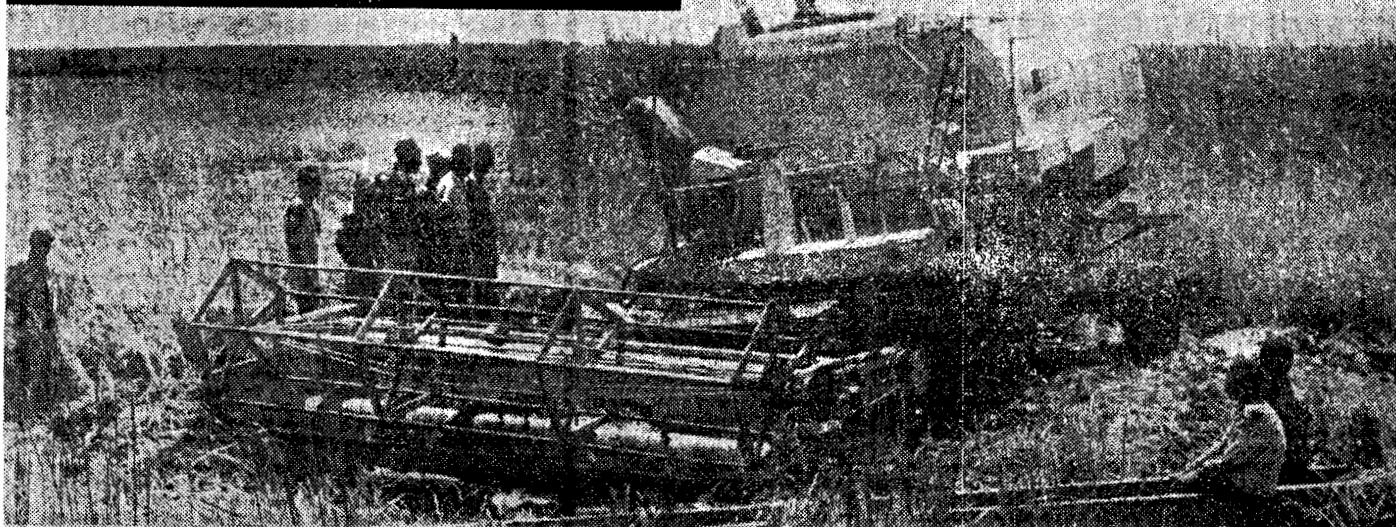


AUTOCOMBINADAS DO CHÓKWÈ



Esta autocombinada ficou enterrada quando ainda não tinha realizado nenhuma operação, depois da sua reparação

Depois de reparadas ceifaram com êxito

● MECANAGRO com dificuldades de reaver 400 mil contos investidos na operação

O hábito de ceifa mecanizada de arroz nas empresas agrícolas do Chókwè, que estava em declínio nos últimos anos, voltou a manifestar-se com força este ano, quando as imponentes autocombinadas irromperam pelos arrozais estatais, cooperativos e privados. Tratou-se, acima de tudo, do êxito de um teste a que as máquinas foram submetidas, depois da gigantesca operação, a primeira do género no país, de reabilitação e recondicionamento deste equipamento agrícola. A MECANAGRO, porém, autora desta proeza técnica, encontra-se seriamente apreensiva: as empresas proprietárias das autocombinadas reparadas não dão sinais de poder pagar os serviços prestados, o que pode minar o sucesso de uma próxima operação.

Saíram 40 autocombinadas da operação levada a cabo pela MECANAGRO, nas suas oficinas do Chókwè. As máquinas saíram com a garantia de operacionalidade de um ano, isto é, depois da reparação, elas trabalharão um ano sem precisar de nova reparação.

Segundo Boaventura Sitoe, director-delegado daquela empresa de assistência técnica no Chókwè, as autocombinadas, uma vez no campo, realizaram um bom trabalho. Ele toma este mesmo trabalho, que constituiu a primeira actividade das máquinas depois da operação de reabilitação, como um teste bem sucedido.

A única coisa que se teve que fazer não esteve fora de limites lógicos e até previstos, pela tração de algumas correções ou afinações. Ora, segundo opinião técnica bem abalizada, porque expressa por mecânicos envolvidos na operação, «só se pode afirmar que uma máquina está boa quando ela se afina em campo, seja essa máquina nova ou recém-reparada».

Em fins de Abril, já depois de a

campanha de ceifa mecanizada ter iniciado nas empresas agrícolas havia algumas semanas, ainda não se tinham verificado paragens de autocombinadas por avaria. Segundo soube a Reportagem do «Domingo», em corredores alheios às oficinas da MECANAGRO, só houve casos de máquinas desviadas e enterradas em machambas particulares.

De acordo com as mesmas informações dignas de crédito, essas autocombinadas foram forçadas a ceifar arroz num terreno ainda alagado de água.

A dimensão do êxito do teste dos engenhos na ceifa mecanizada do arroz suplanta, contudo, este incidente de pura irresponsabilidade. Os mecânicos da MECANAGRO acreditam que, além da eficácia do trabalho da operação que levaram a cabo, existem outros factores que contribuíram para o sucesso do teste. Por exemplo, este ano as máquinas operaram em machambas melhor preparadas, em termos de lavou- ra. Por outro lado, as chuvas não caíram com intensidade prejudicial

na campanha que agora se encontra na fase de ceifa.

Entretanto, em contacto com operadores em várias unidades de produção, «Domingo» soube que estes trabalhadores estão satisfeitos com o funcionamento das máquinas recém-reparadas: «Têm bom comportamento, não costumam avariar desde que no-las entregaram — disse um deles, Francisco Sitoe, em Namachicoluane.

Um outro, José Manganhela, explicou que as pequenas avarias que têm surgido no sistema hidráulico «são normais», sobretudo quando as autocombinadas têm

combinada; uma reparação com envergadura semelhante a do caso da última operação. Em artigo anterior publicado neste mesmo semanário, é possível notar que na referida operação, uma autocombinada não saiu a menos de 11 milhões de meticais.

O impasse agora torna-se evidente na medida em que na altura de aceitação das máquinas, a MECANAGRO parece ter-se deixado levar pela emoção própria de quem suporta sobre os ombros o orgulho de ser o autor de uma operação sem precedentes no país.

Ter-se-á esquecido, com efeito, de exigir dos seus clientes a assinatura de termos de compromisso de honra que têm a vantagem de pelo menos chamar à respon-

sável fazer o aproveitamento da nada.

Mas, sob o ponto de vista técnico, eles dizem que há condições para se dar continuidade a operação de reabilitação e recondicionamento das autocombinadas do Chókwè, introduzindo, até, assinaláveis melhorias na organização.

LIÇÕES PARA O FUTURO

As operações futuras deverão servir também para a formação do pessoal. Pensa-se já que a próxima vai ser um teste para os trabalhadores, o que implica novo estilo de organização.

Para já, está a tomar forma a ideia de que na próxima operação será necessário reduzir o número de trabalhadores contratados. Na que findou estavam envolvidos seis mecânicos de nacionalidade indiana. Eles estiveram à cabeça de 32 operários moçambicanos, dos quais somente seis têm formação mecânica.

Durante a primeira operação registaram-se problemas não previstos inicialmente, o que levou à importação de emergência de peças. Não foi muita coisa, em termos de volume, mas a lição a aprender está no facto de ser indispensável prever todos os «itens» para a operação toda.

Esta primeira operação consumiu também peças fabricadas a nível interno. «Domingo» registou lamentações da MECANAGRO segundo as quais o ritmo de produção dessas peças deixou muito a desejar, sobretudo no tocante às consequências que se reflectiram no fornecimento das mesmas.

Está implícita nesta situação, a necessidade de combinação de iniciativas que suscitem sensibilidade para uma melhor organização da indústria local.

por Albano Naroromele (texto)
e Joseph Jack (fotos)

que operar em terrenos com maltope. Segundo ele, «os mecânicos da MECANAGRO estão connosco aqui no campo».

AFINAL NÃO PAGAM?

Mas o problema agora é que todas as empresas cujas máquinas foram reparadas na operação de reabilitação e recondicionamento, ainda não deram sinais, de poder pagar os serviços prestados por aquela assistência técnica; nacional de equipamento agrícola.

Fontes informadas dizem que a operação custou 400 mil contos pouco mais ou menos. Este montante foi investido na aquisição de peças importadas, óleos, combustíveis, materiais de soldadura bem como na hospedagem e pagamento de pessoal técnico.

A operação não tinha fins lucrativos — prevê-se apenas 10 por cento de lucros conforme apurou a nossa Reportagem, mas, a nível da MECANAGRO, isso não significa que esta empresa dispense a reposição do investimento por parte dos beneficiados do trabalho de reabilitação das máquinas.

As coisas parecem complicar-se ainda quando se tem o conhecimento de que a maior parte das empresas beneficiárias da operação já eram velhos devedores da MECANAGRO. Por outras palavras, acumularam agora dívidas para com esta empresa de assistência técnica.

Provavelmente, está a atravessar-se um impasse no Chókwè. Nas oficinas da MECANAGRO ninguém ousa pensar (muito menos acreditar) que alguma empresa agrícola esteja em condições de pagar a reparação de uma auto-

tabilidade quem dela se esquiva na hora da vordade.

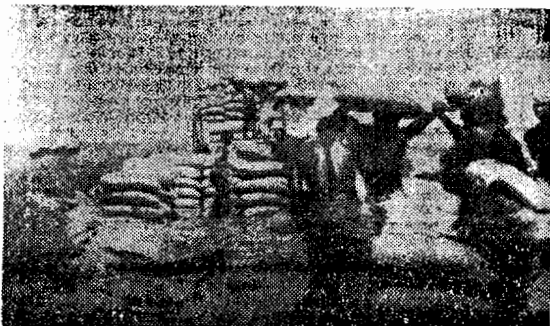
Os únicos compromissos assinados rezam, segundo soubemos em Dezembro do ano passado, que durante a ceifa, a reparação das autocombinadas seria gratuita, desde que as avarias não fossem provocadas por má operação no terreno.

A Reportagem do «Domingo» apurou também que a MECANAGRO devia ter recebido o dinheiro da reparação das máquinas logo que a operação chegou ao fim. Ou seja, a saída de uma autocombinada das suas oficinas devia ter sido em troca do pagamento dos serviços prestados.

— Se a situação não se normaliza — dizem os mecânicos — o êxito da próxima campanha pode ser minado, porque não será pos-



Este ano as autocombinadas irromperam pelos arrozais estatais, cooperativas e privados, pondo fim a uma crise de seu funcionamento pleno devido a destruição precoce a que foram alvos



Operários agrícolas em plena actividade num campo em que decorre a ceifa mecanizada